

OS IPÊS ESTÃO FLORIDOS

RUBEN ALVES

Campinas, SP, Brasil

Ipê: árvore do gênero *Tebebuia*, muito ornamental, considerado árvore nacional do Brasil («Dicionário Aurelio»).

Thoureau, que amava muito a natureza, escreveu que se uma pessoa resolver viver nas matas para gozar o mistério da vida selvagem, será considerado pessoa estranha, ou talvez louca. Se, ao contrário, se puser a cortar as árvores para transformá-las em dinheiro (muito embora vá deixando a desolação por onde passe), será tido como uma pessoa trabalhadora e responsável.

Lembro-me disto todas as manhãs, pois na minha caminhada para o trabalho passo por um ipê-rosa florido. A beleza é tão grande, que fico ali parado, olhando sua copa, contra o céu azul. E imagino que os outros, encerrados em suas pequenas bolhas metálicas rodantes, em busca de um destino, devem imaginar que não funciono bem.

Gosto dos ipês de forma especial. Questão de afinidade. Alegro-se em fazer as coisas ao contrário. As outras árvores fazem o que é normal –abrem-se ao amor na primavera, quando o clima é ameno e o verão está para chegar, com seu calor e chuvas. O ipê faz o amor justo quando o inverno chega, e sua força florida é uma despuddorada e triunfante exaltação do cio.

Conheci os ipês na minha infância, lá em Minas, os pastos queimados pela geada, a poeira subindo das estradas secas e, no meio dos

campos, os ipês solitários, colorindo o inverno de alegria. O tempo era diferente, moroso como as vacas que voltam em fim da tarde. As coisas andavam ao ritmo da própria vida, nos seus giros naturais.

Mas agora, de repente, esta árvore, de outros espaços, irrompe no meio do asfalto, interrompe o tempo urbano de semáforos, buzinas e ultrapassagens, e eu tenho de parar ante esta aparição do outro mundo.

Como aconteceu com Moisés, que pastoreava os rebanhos do sogro, e viu um arbusto pegando fogo, sem se consumir. Ao se aproximar para ver melhor, ouviu uma voz que dizia: «Tira as sandálias dos teus pés, pois a terra em que pisas é santa».

Acho que não foi uma sarça ardente. Deve ter sido um ipê florido. De fato, algo arde, sem queimar, não na árvore, mas na alma.

E concluo que o escritor sagrado estava no certo. Também eu acho sacrílego chegar perto e pisar as milhares de folhas caídas, tão lindas, agonizantes, tendo já cumprido sua vocação de amor.

Mas sei que o espaço urbano pensa diferente. O que é milagre para alguns, é canseira para a vasoura de outros. Melhor o cimento limpo que a copa colorida.

Lembro-me de um pé de ipê, indefeso, com sua casca cortada a toda volta. Messes depois, estava morto, seco.

Mas não importa. O ritual de amor no inverno espalhará sementes pela terra e a vida triunfará sobre a morte, o verde arrebentará o asfalto. A despeito de toda a nossa locura, os ipês continuam fieis à sua vocação de beleza, e nos esperão tranqüilos. Ainda haverá de vir um tempo em que os homens e a natureza conviverão em harmonia.

Agora são os ipês-rosas. Depois virão os amarelos. Por fim, os brancos. Cada um dizendo uma coisa diferente. Três partes de uma brincadeira musical, que certamente teria sido composta por Vivaldi ou Mozart, se tivessem vivido aqui...

Penso que os ipês são uma metáfora do que poderíamos ser. Seria bom que pudéssemos nos abrir ao amor no inverno...

Corra o risco de ser considerado louco: vá visitar os ipês. E diga-lhes que eles tornam o seu mundo mais belo. Eles nem o ouvirão e não responderão. Estão muito acudados com o tempo de amar, que é tão curto.

Quem sabe se acontecerá com você o que aconteceu com Moisés, e sentirá que ali resplance a glória divina...

